

ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 34 do 5.º Ano—N.º 234

Editor, Abel de Vasconcelos Cardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 20 de Maio de 1915

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesse

VIVA A REPUBLICA!

A revolução republicana, que fêz sossobrar a ditadura do General Pimenta de Castro, foi lição austera para os homens públicos do regimen e exemplo eficaz para as «dóces esperanças» dos monárquicos.

Que a uns e outros jámais esqueça o grande facto histórico! Lembrem-se os republicanos que teem de pôr de parte, duma vez para sempre, os seus ataques virulentos, os seus sectarismos de partido, as suas ambições pessoais.

Quanto aos monárquicos, saibam isto: a República jámais perecerá! Ou se convertam e venham ajudar-nos, ou se resignem e... vão para um convento. Procederem de modo diverso é proclamarem que estão — doidos!

PELA LEI! PELA CONSTITUIÇÃO!

Mais uma vez, pelo heroico sacrificio do povo de Lisboa, da marinha e do exército, com repercussão nas cidades do Porto, Santarem etc, uma revolução é feita em nome do espirito republicano e patriótico da nação.

E' profundamente contristador que após quatro anos e meio de regimen republicano um novo golpe revolucionário se tornasse mister—desta vez para impor apenas o respeito á lei constitucional, esmagada e vilipendiada pelos ditadores.

Que, ao menos, este movimento insurreccional e libertador a todos aproveite, dando ao país melhores e mais desafogados dias; que, ao menos, o sangue vertido nesta jornada de civismo e de patriotismo torne fecunda de esperanças toda a terra portuguesa—para que possamos então bendizer e saudar mais enternecidamente o glorioso sacrificio revolucionário de 14 de Maio de 1915.

Tem a palavra a Junta Revolucionária de Lisboa. Ouçamo-la no seu manifesto

AO PAÍS

Pela honra da Pátria! Pela defesa da República!

Está na agonia o período vergonhoso da ditadura. Essa página de ignomínia e de tristeza vai ser arrancada da história da República. O povo, o exército e a armada, na

consciência de que cumprem o mais patriótico dos deveres, repelem esse escárnio com as armas na mão.

Depois do sangue português ser derramado em Naulila, num ataque traiçoeiro da soldadesca alemã, a ditadura não teve pejo de saudar o representante do kaiser pelo seu aniversário.

Sem coragem de vingar a afronta que o inimigo fêz á gloriosa bandeira da nossa Pátria, a ditadura considera simples internados o tenente Aragão e os seus companheiros de armas, que tam alto ergueram o nome de Portugal.

Anuncia-se o regresso da expedição de Moçambique, que sempre recebeu da ditadura ordens de manter uma rigorosa neutralidade.

Enquanto os republicanos são perseguidos e vexados, os dirigentes das conspiratas monárquicas, aqueles que se armaram em território estrangeiro para combater o seu país, passeiam provocantemente pelas ruas de Lisboa.

Os dois partidos republicanos que apoiaram a ditadura chegaram a reclamar a demissão de autoridades reconhecidamente monárquicas e não o conseguiram.

Que significa isto? Que a ditadura estava comprometendo a República e enlameando a honra nacional.

Vamos restituir a República aos republicanos completando nesta hora de triunfo a alta missão patriótica dos revolucionários de 5 d'Outubro.

Queremos um governo nacional, mas por isso mesmo republicano. Não arvoramos a bandeira de nenhum partido, pois queremos que todos os republicanos se juntem para a dignificação da Pátria, para a salvação da República.

Não aconselhamos violências nem represálias. A nossa energia não excluirá a generosidade pelos vencidos. Só ao governo nacional caberá o direito de pôr em prática medidas de defesa. Que todos confiem no seu rigor, na sua honra e no seu patriotismo.

Pela Pátria! Pela República!

A junta revolucionária.

Ministério nacional

Presidência e interior — João Chagas.

Justiça — Dr. Paulo Falcão.

Guerra — Dr. José de Castro.

Finanças — Toiné de Barros Queiroz.

Marinha — Dr. Fernandes Costa.

Estrangeiros — Dr. Teixeira de Queiroz.

Fomento — Dr. Manuel Monteiro.

Colónias — Dr. J. Jorge Pereira.

Instrução — Dr. Magalhães Lima.

Câmara Municipal

Reassumiu as suas funções a comissão executiva da Câmara eleita pelo povo.

Adiante vai um edital que anuncia como de nenhum efeito as deliberações tomadas pela comissão usurpadora.

Autoridade Administrativa

Foi de novo reintegrado no lugar que anteriormente á ditadura ocupava de administrador do concelho, o cidadão Guilhermino Alberto Rodrigues. Ao acto assistiram amigos e correligionários.

Um apelo ao povo republicano!

A todos quantos amam alevantadamente o ideal republicano e por êle teem combatido e sofrido; a todos quantos como nós comungam nesta causa de libertação e resgate nacional, que é a República democrática e progressiva; a todos, finalmente, que de alma e coração servem este regimen duas vezes proclamado — um apelo enternecido e caloroso aqui lhes fazemos, nesta hora que é grande e dignificadora:

Jámais se use violência ou excesso contra quantos ainda, infelizmente, não estão do nosso lado!

Tomemos a generosidade por nosso lema, para sermos fortes na justiça contra os que ainda são nossos adversários.

Inspiremos amor e não inimizade, tornemo-nos humanos e não cruéis, cantemos hinos de vitória, não os ofuscando com brados de vingança!

A coragem, a audácia, a fé, o civismo dos bons republicanos não deve servir para inflamar ódios, para espalhar terror, para promover excessos!

Sejamos moderados no triunfo!

Sejamos justos com os vencidos!

Sejamos orientados pela lei!

Só assim serviremos a República, só assim a radicaremos!

OS AGONTECIMENTOS DE DOMINGO NESTA CIDADE

Não sabemos dum modo exacto que sentimento de piedade ou critério de justiça guia o espirito da opinião pública na apreciação dos acontecimentos ocorridos no domingo, á noite, junto do Centro Republicano de Guimarães. Graves como foram esses acontecimentos, pois neles perderam a vida dois homens, tendo outros recebido ferimentos de mais ou menos importância, é natural que haja um humano interesse em apurar da triste ocorrência os responsáveis, cingindo os consequentemente ao duro golpe das justas vingadoras.

Vamos, portanto, em noticia

circunstanciada ajudar as autoridades inquiridoras, visto que estas vão proceder—tanto mais que fomos testemunha presencial dos factos e conhecemos bem de perto os seus antecedentes.

Sim, é absolutamente necessário conhecer os antecedentes que precedem este conflito sangrento; só assim se chegará á formação dum julzo seguro e exacto no apuramento dos seus verdadeiros responsáveis.

A farandolagem monárquica no dia da recepção ao prelado

Embora venham de mais longe o achincalho e as arremetidas aga-

rotadas dessa farandolagem, que em terras de Guimarães recomenda a causa monárquica, certo é que mais ousadamente se afirmara essa corja no dia da recepção ao prelado. Como se sabe, e é bom sempre lembrar, a gente católica da cidade teve, nesse dia memorável, a fanesta ideia de juntar política com religião, correspondendo à ampla concessão da República com um acintoso e... grotesco namoro à monarquia, embandeirando provocantemente a azul e branco.

Deste enfartamento e pimponice surgiu uma manifestação pelas ruas do católico burgo, sendo esta tam bem recebida pelas damas—cujo saber e discorrer não vão além do saber e discorrer das suas cozinheiras—que até houve quem lhe acenasse com bandeirinhas, das tais azuis e brancas. Assim fortalecidos os sentimentos cristãos da referida farandolagem monárquica, ela foi, de seguida, apupar as bandeiras das cores nacionais que um católico republicano entendera dever pôr em sua casa, para com elas festejar a vinda do prelado, foi ao centro republicano quebrar vidros e tentar um assalto, fazendo o mesmo na casa do presidente da câmara, ao Priorado.

Todos estes factos e outros mais que os antecederam não foram averiguados, embargados e muito menos punidos, o que deu aos cidadãos republicanos uma ideia falsa da autoridade... Desta declarada impunidade veio, como era de prever, maior ousadia à heroica rapaziada, forrada de azul e branco, continuando dest'arte a acirrar os ânimos e bríos dos republicanos.

Uma provocação à porta do Centro Republicano, combinada e premeditada

Dias após os sucessos que acompanharam a recepção ao prelado e mais a peregrinação à Penha—pois também ousados grupos de peregrinos vivaram rijo à monarquia—anunciavam os republicanos uma reunião magna para nela tratarem assuntos de caracter partidário. Por motivos que não importa aqui mencionat, não se efectuou essa reunião, tendo ainda assim comparecido muitos correligionários na sede do centro republicano, à rua do Dr. Avelino Germano, pois não houve tempo de lhes comunicar aviso do adiamento da anunciada reunião.

Eis senão quando, como coisa previamente assente e combinada, surge a farandolagem junto deste centro, entrando de manifestar-se ruidosa e provocantemente, gritando na ânsia de pugna e desordem:

—«Venham cá para fóra, cobardes!»

Não era, pois, já o zurrar de hostilidades ao regimen e ás suas mais proeminentes figuras: os pedaços d'asnos, como em terreno conquistado, iam já mais longe, e, brigões e fortes, vinham meter-se com o leão que dormitava:

«Venham cá para fóra, seus...!»

E as ameaças, as injúrias e os epítetos mais grosseiros estrugiam com risos e galhofas as mais alvares. Lá dentro, entretanto, os mais prudentes antepunham-se, embargando os impetus de justa revolta daqueles que queriam a viva força, aceitar o repto da matulagem, vindo à rua aplicar-lhe lição severa, já que tanto a suplicavam.

Foi assim, com grande, com enorme dispêndio de energia que, já nessa noite, os republicanos, passando sobre uma grosseira provocação, evitaram um conflito sangrento, tendo, então, aido a própria autoridade administrativa, o sr. dr. Pedro Guimarães, o qual teve ensejo para louvar e agradecer a atitude de prudência dos republicanos, ao mesmo tempo que lhes afirmava a sua firme disposição em aplicar lição mestra aos arautos do trono, já tam cheio se encontrava de suportar os seus cometimentos.

O telegrama oficial da Junta Revolucionária e um placard pretendendo desmentilo

Passavam-se os acontecimentos acima narrados na sexta feira da semana pretérita quando no sábado, de tarde, chegava a Guimarães esse telegrama da Junta Revolucionária anunciando o triunfo da revolta—acção revolucionária contra a ditadura, que o mutismo do telégrafo e a falta de comboios para Lisboa deixavam aqui apenas antever. Entregue a manutenção da ordem à autoridade militar, esta conferenciou com o nosso amigo Mariano da Rocha Felgueiras, pedindo-lhe que intervisse junto dos nossos correligionários no sentido de estes, pela sua atitude, o ajudarem a manter a ordem, cuja guarda lhe fôra confiada.

Concordes na vantagem em dar a maior sanção ao pedido da autoridade militar, desde logo foi determinado não se fazerem nessa noite manifestações de regosio público. Não o entendeu desde logo assim um numeroso grupo de populares postados em frente do centro republicano, e que se propunha dar largas ao seu entusiasmo de fé republicana—o que, no bom desejo de manter a ordem, se procurou evitar, descendo à rua a parlamentar com esses populares o nosso director, convidando-os a entrar no centro, pois que, sendo por muitos tomado esse telegrama da Junta Revolucionária como *blague*, bem podia dar-se o caso duma contra manifestação.

Tomada esta medida de ponderação e de ordem, e como que a contrastar contrariamente a esta atitude, surgiu então, em determinado estabelecimento, um placard onde de conta própria se afirmava que a comunicação da J. R. era falsa,—o que provocou reparos e protestos, não tendo nesta altura subido estes de ponto pela iniciativa de os nossos correligionários chamarem para o facto a atenção da autoridade militar, a qual fêz retirar da vitrine da chafarica o pretencioso desmentido.

Feito isto, que denota quanta prudência teem usado os republicanos na conjuntura presente, em vez de irmos pata a rua, como à mesma hora em muitas terras se fazia, preferimos improvisar na referida sede do centro republicano uma sessão na qual usou da palavra, além de outros, o nosso amigo dr. Eduardo de Almeida.

Depois de confirmada a boa nova, ainda os inimigos da República lhe chamam "fifa"

Dia de domingo, mal convencidos os filhos dilectos da reacção que o acto revolucionário houvesse pôsto em fuga o ministério das suas doces esperanças restauracionistas, de nesga olhavam ainda o horizonte,—tanto mais que quasi todos os periódicos da manhã deixavam esboçar, pela falta de informes, um ponto de interrogação.

E então proclamavam fingidamente anchos:—«E' fifa! é fifa!»

Com os jornais da noite as dúvidas dissiparam-se. A farandolagem, porém, que queria mostrar-se ainda forte para proezas e cometimentos inglórios, foi, num último arranco, gritar impetuosos para a porta do centro republicano, arrematando com o seu ar de rufia... encomendado:

—«Venham cá para fóra, seus...!»

E completavam o repto provocador com palavras da gíria monárquica. Nesta situação, verdadeiramente insustentável pela exasperação dos ânimos por parte dos nossos correligionários,—aos quais com imensa dificuldade e só à custa de muitos rogos e balizas dos mais prudentes se evitou que eles viessem à rua ao encontro da matulagem—nesta situação, dizíamos, o nosso direc-

tor, que é também presidente do centro republicano, veio à rua, atravessou pelo bando provocador a ver se encontrava alguém com quem fosse ainda acessível uma aproximação decorosa, mas não, não se ofereceu possibilidade de semelhante tentativa. Voltando para dentro no propósito de fazer atrair ao local as providências da autoridade, eis que da parte de fora, como que adivinhando esta diligência, se opõem fazendo fogo pata as janelas do Centro—supremia ousadia cuja resposta, já agora, não podia suportar palavras de calma e de resignação, motivo porque a um tiro responderam outros tiros, apagando-se as luzes e procedendo cada um por si numa explosão de revolta já de longe represada a custo de mil tratos de paciência.

Rebenta uma bomba—2 mortos e alguns feridos—Surge forças militares e da guarda republicana

Esta luta, cujo fermento teve começo pelas 21 horas, só uma hora depois é que atingiu o rubro, demorando o tiroteio alguns minutos—parecendo este disposto a prolongar-se se a explosão duma bomba não varresse duma vez o pequeno espaço fronteiro ao edificio, pondo termo ao cometimento da tropa ousada.

Neste pé de batalha, (quando já jaziam por terra dois mortos, e alguns feridos haviam ido recolher-se ao hospital, entre gritos e lamúrias), surge, enfim, a autoridade militar representada pelo sr. tenente coronel Souto Maior, mais duas forças de infantaria sob o comando de dois alferes, mais 6 praças a cavalo da guarda republicana, mais um trço de policia, mais... uma voz dum procurador, lá do alto duma janela, a gritar contra a pouca vergonha de se haver efectivamente demorado a intervenção da autoridade, tanto mais digna de reparo quanto é certo tratar-se dum dia anormal e irrequieto, e dum local já várias vezes ameaçado pelos discolos da riezia.

Informada a autoridade do que se tratava, foi por esta ordenado providências, sendo todas as embocaduras das ruas próximas e ainda aquelas que conduzem ao quartel tomadas por vigias, postando-se a pequena distância as demais forças policiaes e da guarda republicana.

Feita seguidamente uma ronda geral à cidade e tomando outras prevenções, foram retirando todos os cidadãos que se encontravam dentro do centro republicano, sendo o último a sair o presidente da sua direcção, o qual, satisfazendo ao propósito enunciado pela autoridade militar, será por sua vez o primeiro a depor no inquérito que haja de levantar-se aos acontecimentos.

Após estes lamentáveis sucessos da noite, a cidade, tomada de pavor, recolheu mais cedo—talvez uma parte maldizendo os cidadãos republicanos que cometeram o crime (!) de se defenderem, em sua própria casa, duma malta que, fatta de os provocar impunemente pelo insulto, entendia que os podia bater por igual a pedra e a tiro, sem contar com a resposta à letra.

Quem são os verdadeiros culpados? Generosidade para com os vencidos

Não sabemos, repitamos de novo, que sentimento de piedade ou critério de justiça guiam o espirito da opinião pública na apreciação destes acontecimentos. Se essa piedade e essa justiça fôrem bem inspiradas, principiando por tomarem exacto conhecimento dos factos, decerto que esse espirito não só condenará aqueles que julgam servir uma ideia ou merecer a cõdea, provocando, como garotos e meliantes que mostram ser, como terá

de reconhecer ao mesmo tempo aos atingidos o direito de se defenderem, conforme os meios e as circunstâncias que a ocasião aconselhava.

Dito isto, saibam-no todos!, ninguém mais do que nós se sente estremecer de horror perante o sangue derramado e as duas vidas perdidas; ninguém mais do que nós deplora a dor que confrange o coração das famílias desses desventurados. Mas é que não basta lamentar, chorar estes acontecimentos. E' necessário ver atravez as vítimas aqueles agitadores que os engodam e atastam—aqueles que não tendo sido atingidos pelas balas nem pelos estilhaços da bomba empurraram, induziram, atmararam todavia o ânimo e o braço desses desventurados, cuja responsabilidade desaparece quando neles deparamos os autómatos procedendo menos pelo calor duma convicção que pelo estímulo infiltrado segundo o plano doutrem.

Algumas vezes também esses biltres e propugnadores da desordem por lá teem apatecido—*marcas* já muito popularizadas na aruaça em que são mestres e na excrecência de linguagem em que são peritos; *marcas* para os quais queremos pedir generosidade nesta hora que é para nós, republicanos, de grande e assinalado triunfo e de fundas e arreigadas esperanças patrióticas.

Sim, «a generosidade é o predicado da força, o laurel da vitória», dizia Passos Manuel. Só a cobardia é vingativa; o medo não pôde ser magnânimo. Nada pôde enobrecer tanto os homens e os partidos como a firmeza na adversidade e a moderação no triunfo. Esqueçamos, portanto, *sem deixar de estar atentos*, pois bem pôde ás vezes succeder que à sombra dessa generosidade quem é réu se queira transformar em juiz—o que positivamente não pôde ser, não deve ser, é absolutamente preciso que não seja.

Os individuos mortos chamam-se:

Zacarias da Silva, o «Muá», solteiro, morador na Praça de S. Tiago, e António Machado, o «S. Pedro», casado, surrador, morador no largo 1.º de Maio. Ha também aproximadamente uns 12 feridos, dois dos quais, pela importância dos seus ferimentos, deram entrada no hospital da Santa Casa da Misericórdia, seis foram pensados na farmácia do sr. Francisco A. Alves Mendes, ao passeio da Independência, a qual estava de serviço, e os restantes foram para suas casas.

—Efectuaram-se cinco prisões, dando os individuos capturados entrada na esquadra policia, havendo já sido soltos sob fiança.

—Pela meia hora da noite compareceram no local dos acontecimentos os srs. juiz de direito, delegado do procurador da Republica e um escrivão, procedendo ao levantamento dos cadáveres, que foram removidos.

Sintomático

O nosso amigo João de Deus Pereira, correspondente do *Janeiro*, não ocultando que o seu zelo católico é maior, muito maior que o seu escrupulo profissional, não disse uma linha sobre os excessos politicos praticados pelos manifestantes do prelado e mais da peregrinação!

Porquê? Ora! ;Porque o nosso amigo João de Deus Pereira envergonhou-se desses excessos praticados pelos manifestantes do prelado e mais da peregrinação!—Ou nêlo não fôsse maior o zelo católico que o escrupulo profissional.

Reparem que nem sequer desculpou, ou procurou atenuantes, para esses excessos de ordem politica.

Está nessa sua atitude o melhor motivo de censura aos mesmos católicos.

Mitra, mitrice, mitrada!

Foi uma chacota pegada ai por esses cafés e centros de cavaco, quando surgiu aquele edital da Câmara esbulhada pela ditadura, que pouco faltou para o parodiarem com música e coplas de revista.

—«Mais mitrada!»—dizia-se em côro, confiando-se tudo da força da ditadura e *nadícima* do espirito revolucionário, que é ainda a sentinela da República.

«Eis senão quando... trus, terra!»
«E a «mitrada» dos risos e das galhofas é-lhes enterrada pela cabeça a baixo, que nem as mesmas orelhas compridas ficaram de fora!»

Ride! Ride agora!

Isso sim! Só se fôr o riso da macambuzice, da melancolia. Ficaram positivamente confundidos, enca...vacados!

Melhor ri, quem ri no fim.

QUE ISTO LEMBRE!

Religião... monárquica

Dissémos no relato da peregrinação à Penha que não sabíamos—por lá não têrmos ido—qual tinha sido a atitude dos devotos à ermida de Lourdes. Hoje, bem informados, podemos afirmar que a atitude dos peregrinos cá da cidade, foi desconchavada de todo, pois descambou em manifestações à monarquia, ao rei, aos paivantes, etc.

O desplante, como se viu, não embargou a marcha natural da revolução republicana; não impediu que esta lhes caisse de chofre atrozando-lhe duma vez as suas embofias, os seus centros, as suas paradas, os seus arreganhos fanfarrões e quichotêscos.

Mas repetimos: é bom que isto lembre, para que quando os católicos exhibicionistas vierem clamar pela sua liberdade, pelo seu direito de manifestação etc., lógica e acertadamente lhes volvermos—se a liberdade deles é aquela que se desdobra em abuso, se o direito deles é aquêl que transforma religião em politica.

Foi um enfartamento—talvez mesmo necessário para observar até onde elles iriam, se os deixassem.

Nem a reboque! Uma nega

Os monárquicos de Guimarães que já andavam a escovar a farda de gatos pingados para assistir ao entêrro—diziam elles—da República, quizeram trazer a reboque, para o seu cenáculo, o sr. Conde de Paçõ Vieira, magistrado na comarca de Fafe.

Para o lance surtir efeito, os fundadores da coisa usaram este truc... grosseiro: fizeram-no atrair ao Proposto, depois de todas as facilidades no meio de transporte, sob a enganosa noticia de que era o seu amigo Luis de Magalhães que o queria cumprimentar.

Chegado ali, viu, com atrelia e com surpresa, que havia sido torpemente enganado, pois Luis de Magalhães... se tinha prometido vir, certo era de que ainda não tinha chegado.

Tendo então percebido o lance, dissimulou polidamente a sorte que deu por semelhante partida, e, afirmando-se embôra monárquico, como sempre, concluiu todavia que não se envolvia na montagem da *filarmónica* monárquica—visto que não tinha razão de queixa dos republicanos, pois o haviam tratado bem, respeitando-o como vencido.

E dito isto, desapareceu,—tendo embora de ir alugar um automovel, visto que o outro já não o esperava para o regresso.

Acto revolucionário

Como foi assinado o armistício

O documento relativo ao armistício é o que se segue :

A maioria dos oficiais do exército, tendo adquirido a convicção de que o movimento iniciado na armada abrangia todos os navios sob o comando do capitão de fragata sr. Leote do Rego, não tendo uma sombra de carácter partidário, mas como único intuito o restituir o país ao respeito pela Constituição e autêntica fé republicana, e reconhecendo também que lhe pertence a responsabilidade do bombardeamento de alguns edificios da cidade como resposta e necessidade de defeza contra o bombardeamento feito pela artilharia, propuzeram a suspensão imediata das hostilidades, reconhecendo que a salvação da República importa a demissão rápida do actual gabinete e a sua substituição por um governo provisório nacional composto só de autênticos republicanos, sem distincção de partidos e de incontestável valor moral.

Os officiaes de terra e mar concordaram em reconhecer como boas todas as negociações que os seus delegados capitão de estado maior João António Correia dos Santos e 1.º tenente da armada João Augusto de Oliveira Muzanty houveram por conveniente levar a efeito no mais curto espaço de tempo.

Fica também entendido que toda a obra ditatorial: decretos, transferências, demissões, prisões e nomeações de civis e militares desaparecerá por completo.

Fica entendido também que, salvo circunstâncias excepcionais de ordem pública, as eleições serão feitas no prazo marcado para 6 de junho.

Os officiaes de terra e mar manifestaram o seu desejo de que entre os escolhidos, sem quebra dos principios constitucionais, figurem os nomes de Magalhães Lima, Paulo Falcão, Duarte Leite, Fernandes Costa e outros.

(aa) Jaime Leote do Rego, capitão de fragata; João António Correia dos Santos, capitão de estado maior.

Aditamento

Os delegados do exército e da marinha, ao assinarem este documento, saudaram todos os seus camaradas republicanos e repudiaram todas as afinidades políticas com aqueles que clara ou dessemuladamente são desafectos ao regimen.

João António Gorreia dos Santos, capitão; João Augusto de Oliveira Muzanty, 1.º tenente.

OS CATÓLICOS MONÁRQUICOS

Salientemos este facto, que é significativo: No dia memoravel da recepção arcebispaal, uma casa na Praça D. Afonso Henriques embandeirou com as cores nacionais. Este que assim procedeu, em bom e correcto modo de vêr provou que, não obstante ser republicano, era também católico. Nenhum canone, e muito menos nenhum dos 10 mandamentos, impede que esta dualidade se afirme num pé só.

Pois bem: Os mesmos patetas que se esganiçaram em vivório ao prelado, á santa religião, ao papa e á igreja católica, decidiram ir depois desse forrobódo rugir imprecações e vitupérios contra o facto natural, simpático, lógico, coerente, exemplificador e digno—dum católico republicano saudar o seu prelado com bandeiras das cores nacionais!

Burros! Nem sequer mostraram que foram bem ensaiados; nem sequer provaram que sabiam fazer politica.

Já dizia Sarmiento: ... Cristianismo, nem pinga!

Violência e Arbitrio

Do presidente da comissão administrativa intrusa da Câmara Municipal, desta cidade, recebi ha dias o seguinte officio:

—«Para os fins legais, notificovos, que a comissão administrativa da minha presidência, em sua sessão realizada no dia 5

dêste mês, tomou a deliberação do teor seguinte:

1.º—Anular desde já a nomeação do regente dessa escola, feita em 5 de Março dêste ano.

2.º—Solicitar immediatamente do actual inspector escolar, nova informação acerca do professor do quadro docente da escola, em condições legais para exercer aquêl cargo, cumprindo-se o disposto no § 3.º do art.º 62 do decreto regulamentar de 19 de Setembro de 1902».

Não me causou surpresa. Sabia-o já antes desta comissão assumir ilegalmente a administração do município; e tanto que preveni, por intermédio de pessoas amigas, os seus membros, para que não cometessem precipitadamente uma arbitrariedade que por certo lhes havia de ficar pesando na consciencia. Mas os fados tinham que cumprir-se. Mandava-o certo personágem que não trepidou em abusar da ignorância dos vereadores amigos, ignorância provada no conteúdo do officio que recebi.

O § 3.º do art.º 62 do regulamento de 19 de Setembro de 1902, nada, absolutamente nada tem com o caso de que se trata. A única lei que regula o assunto é o decreto n.º 149, de 23 de Setembro de 1913, e este foi observado fielmente pela câmara dissolvida.

Se alguém se julgou lesado com a minha nomeação e a julgou ilegal, esse alguém não tinha mais que recorrer ás estações competentes e nunca aproveitar uma situação que lhe era sob todos os pontos de vista devotada. E a comissão, cedendo á imposição desse alguém, cometeu a maior das arbitrariedades, uma violência sem nome e uma injustiça flagrante. Anular uma determinação duma Câmara de cuja legalidade ou ilegalidade só os respectivos tribunais podem decidir, é o cúmulo...

Mas que remediava a comissão com a nova informação do actual inspector? Nada. Não sabia ela que o actual inspector estava aí há dois dias e que portanto não podia informar nada a tal respeito? Mas...: ela quiz ir até ao fim.

Não me causa admiração o procedimento da ex-comissão (que Deus haja) porque a maior parte dos seus membros não nasceu

para aquilo. O que me causa admiração é que alguns dêles, e muito principalmente o sr. Rodrigo Pimenta, que eu não tenho a honra de conhecer, mas que me dizem ser um bom carácter, quizessem desempenhar o triste papel de colaborar numa obra injusta.

Prof. Joaquim d'Almeida Guimarães.

EXAMES

No átrio do Liceu desta cidade está afixado um edital que, além de certos esclarecimentos, diz:

«A contar do dia 25 do corrente até 8 do próximo mês de junho, recebem-se na secretaria do Liceu requerimentos para exames do curso geral (1.º e 2.º secções); de admissão ás classes; período transitório, e exames, conforme o disposto no decreto de 17 de junho de 1911».

Teatro Gil Vicente

A Emprêza do cinematografo «Central Chantecler» continua a dar duas sessões cinematográficas aos domingos, as quais são a pedido do respeitavel público.

EDITAL

(1.ª Publicação)

Mariano da Rocha Felgueiras, presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Guimarães:

Faz público que, tendo sido restabelecida no país a normalidade constitucional, a Câmara Municipal de Guimarães reasumiu o pleno exercicio das suas funções, e que, sendo absolutamente nulos os despachos, resoluções e quaisquer outros

actos provenientes da comissão que, em 24 de Abril, criminosamente usurpou a administração do município, devem os requerimentos, a que por essa comissão tenha sido dado despacho, ser revalidados, na secretaria municipal, pelos interessados, a fim de serem sujeitos á legitima deliberação da câmara municipal ou da sua comissão executiva. E eu, José Maria Gomes Alves, chefe da secretaria, o escrevi.

Guimarães, Paços do Concelho, em 18 de Maio de 1915.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

A Junta de Paróquia da freguesia de Sam Sebastião de Guimarães:

Convoca todos os eleitores da mesma freguesia a comparecerem na sala das suas sessões, (sacristia da igreja paróquial) no dia 24 do corrente, pelas 10 horas, afim de darem o seu referendum á deliberação sobre lançamento de contribuição, tomada em sessão ordinaria de 4 de Abril findo. Secretaria da Junta de Paróquia da freguesia de Sam Sebastião de Guimarães, 15 de Maio de 1915 e quinze.

O Presidente,

José de Oliveira Meira.

Arrenda-se ou vende-se uma morada de casas em frente á estação do caminho de ferro.

Para tratar, com a sua proprietária na mesma casa, D. Cristina Rosa de Souza.

é a voz da consciencia e do dever. Sem esse estímulo interior, as exterioridades nada valem, são até nocivas.

«Olhemos em torno de nós— diz Amorim Viana. Quantos milhares de homens não há que vão á missa, confessam-se, comungam pela páscoa da ressurreição, jejuam mesmo, enfim seguem exteriormente todos os mandamentos da Igreja e não pensam em Deus?»

Em verdade são estes o prototipo do católico vulgar, do católico que vai, para ostentar-se, á missa do meio dia, que é a do «high-life», e é sócio da Juventude, essa agência de casamentos, aonde também se passam atestados de bom conceito.

«Confessam-se... porque a sua quarta avó já se confessava!»

«Confessam-se... porque os mais também se confessam!»

«Confessam-se... porque se confessam!»

Chama-se a isto, obedecer á rotina, respeitar as conveniências, não ter, em resumo, respeito por si próprios.

Como, porém, no principio dêste trabalho eu digo, não se dirigem minhas palavras, nem aos fanáticos da confissão, nem aos impostores da confissão. Dirigem-se mais especial e particularmente, ao espirito daqueles que, porventura indecisos, jogam sua vontade entre os pélagos da dúvida e as reservas duma herança religiosa. A estes é que eu digo que a confissão auricular, não contribue de modo algum para o nosso aperfeiçoamento moral.

Só noções de Direito e de Justiça regulam os povos

O que guia hoje as sociedades e faz grandes as nações, não é o temor de Deus, insuflado pelo confessor. «Os homens, diz o célebre cura francês, Merlier, não de ser bons quando forem bastante instruidos, bem governados, despresados ou castigados pelo mal que houverem feito, e justamente recompensados pelo bem que praticarem. Encham-lhes o espirito de ideias verdadeiras, cultivem-lhes a razão, governe-os a justiça,

e não haverá precisão de opor as paixões o temor de Deus.» Por sua vez, Amorim Viana, diz: «Entre o homem virtuoso e aquele que é movido pelo verdadeiro respeito á lei e pelos nobres impulsos do sentimento moral, de bom grado estabeleceríamos a diferença que se dá entre dois edificios da mesma forma construidos, porém, um com pedra solta, outro com pedras unidas entre si pelo mais sólido cimento; um desmoronar-se há ao mais ligeiro abalo, o outro resistirá ao mais violento tufão».

Aplicadas estas palavras ao assunto, conclue-se que o confessorário, produzindo, embora, um ou outro beneficio, não é isso motivo para justificarmos a sua razão de ser.

A despeito do próprio Voltaire haver considerado a confissão «mui excelente coisa», julgando-a «freio ao crime e óptimo uso para incitar ao perdão corações astutelados de ódio», nem por isso a confissão deixa de ser uma mentira nociva e um mal bem funesto para as sociedades que a praticam—dados os fins reservados e múltiplos a que se proporciona o confessorário.

Insistindo: «Serão melhores, vivem mais de harmonia com a moral do Dever e da Justiça aquelas pessoas que teem por uso ir todos os meses, semanas e dias ao crivo do confessorário?»

Não são melhores: pois que, se o fôssem, Braga, a Roma portuguesa, não figuraria com uma percentagem pouco recomendável, no censo da sua criminallogia, bem assim as nações católicas seriam as mais morigeradas nos costumes e mais fecundas nos bons exemplos.

E são-no?

Oicamos o dr. Manuel de Arriaga, no seu livro «Harmonias Sociais»: «A Alemanha, a Inglaterra, a Suécia, a Noruega, a Dinamarca, a Suíça, toda a América do Norte, grande parte da América do Sul, os povos hoje mais ilustres e bememritos nas sciencias, nas artes, no comércio e nas indústrias, os que marcham na vanguarda da civilização—subtraíram-se á tutela da igreja católica». A confissão não é hoje prática adopta-

da entre estes povos—o que não obsta que eles sejam pioneiros da civilização e do progresso.

Mas prossigamos:

«Nunca a alma humana— diz ainda o dr. Manuel de Arriaga, venerando presidente da República— nunca a alma humana chegou a tamanha degradação de valor moral do que no pleno império da Fé católica, no tempo das missas, das orações, dos sufrágios pelas almas, das confissões diárias, das penitências, das resas, dos jejuns, das indulgências, da confiança cega e absoluta em tudo quanto ensinava e mandava crer a igreja Papal, a religião vaticana, a que ela mesma dava os epítetos de Santa Madre Igreja!»

«Trouxe, pois, a confissão auricular algum beneficio á Humanidade? É necessária a sua conservação para bem das modernas sociedades? Positivamente não é. Bem basta «para o homem que não sinta o imperativo do dever, a expressão culta e superiormente livre da sua vontade»— como diz Oliveira Martins— bem basta que ele não desboque o pitoresco freio da religião. Para certos homens, exemplos de atavismo social, esse freio pode ser útil. A confissão auricular é herbicacho que serve menos os designios religiosos que os interesses do clero. As suas vantagens repressivas, não compensam os prejuizos regressivos.

Como combatê-la?

O celibato clerical e a ignorância do povo, eis o que sustenta a confissão

Sampaio «Bruno», por exemplo, buscando achar um meio, por efeito do qual a mulher abandonasse o confessorário, (visto que ella é o seu maior sustentáculo) imite esta opinião: «Esse meio diz elle— está natural e historicamente indicado. É a eliminação do celibato clerical. A influencia do padre sobre a mulher— prossegue o insigne escritor— provém da confissão auricular; porém esta só é possível sendo o padre celibatário. Desde que o padre seja casado, toda a mulher hesita em ir confessar mistérios que ella presume, inven-

LONDRES EM GUIMARÃES

Abre na próxima segunda feira as suas novas instalações no

Passeio da Independência n.º 17



Casa Penhorista Vimaranesa

Fundada em 1880

Propriedade de PEIXOTO & ROCHA

Legalmente habilitados

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de crédito

Rua da República, 144—GUIMARÃES

INSTITUTO DE "ASEPSIA,"

Laboratório de análises clínicas e de esterilizações

Sob a direcção técnica do analista Manuel Jesus de Sousa

50, R. da República, 54-1.º—GUIMARÃES

Análises de urinas, escarros, sangue, puz, leite, vinho, vinagre, queijo, manteiga, etc.

Preparação de empolas medicamentosas diversas, sôros em empolas vulgares e auto-injectoras, kefir, leite maternizado, etc.

Desinfecção de pensos e ferros cirúrgico pelo método de Pasteur.

Leiam todos—Senhoras e Homens!

Dois assombrosos inventos científicos!!!

AMOSTRAS GRÁTIS

Não temendo insucessos e para que aqueles já iludidos com inefficazes específicos anunciados para os mesmos casos, **forneçamos, de graça**, os nossos dois preparados, a título de reclamo, para que se possa avaliar os seus surpreendentes efeitos. Quem nos remeter 100 rs., receberá uma elegante caixinha «Crème Richard» (seu valor 200 rs.) com a maneira de usar. De igual modo, por 200 rs., enviamos meio frasco do «Talisman dos Cabelos» (seu valor 400 rs.)

N. B.—Estas importâncias são unicamente para cobrir, em parte, as despesas de correio, frascaria, embalagem, impressos, rótulos, etc.

OBSERVAÇÃO—Só se recebe em pagamento vales postais, outras ordens ou estampilhas de continente da taxa de 25 rs.

O TALISMAN DOS CABELOS

de E. Richard, químico-perfumista de Paris.

é o melhor tónico capilar!

É o único que faz nascer o cabelo nos sitios onde tenha caído, impede a queda e o branqueamento; extermína a caspa (causa principal da calvície) e fortifica-o; promove o seu crescimento, desengordura-o e dá-lhe flexibilidade, tornando-o expesso, brilhante e sedoso; mantém a cabeça em irrepreensível asseio, perfuma-a agradavelmente, facilita e conserva o penteado.

Logo aos primeiros tempos de uso se começa sentindo os seus prodigiosos efeitos.

Preço

Um frasco grande 800 rs. Pelo correio 900 rs. Pelo correio registado 950 rs. Contra reembolso (pagamento no acto da recepção) 1200 rs.

O CRÈME RICHARD

Realça e conserva a formosura das senhoras novas; rejuvenesce e embeleza as de idade!

Torna a pele macia, lisa, alva e perfumada, livrando-a de sardas, panos, pontos negros, fendas nos peitos, mãos e lábios, cieiros, vermelhidão e escamas farináceas, desenvolve, enrija e arredonda os seios; encobre de maneira maravilhosa, os sinais de bexigas; fixa, invisivelmente, o pó de arroz, não empastando, preserva a cutis da acção do frio e calor.

É usado, igualmente com vantagem, contra cravos, feridas, etc. Converte assim, por encanto, um rosto pálido, anémico e extremamente feio em formoso, adquirindo uma cor sã e dum delicado setim e frescura.

Preço

Um boião grande 500 rs. Meio boião 300 rs. Pelo correio mais 25 rs. Pelo correio (registado) 75 rs. Contra reembolso (pagamento no acto da entrega) respectivamente 720 e 520 rs.

Estes preparados não contem substancias nocivas á saúde.

Numerosos atestados comprovam o que afirmamos.

Pedidos a J. T. RHCINE—R. dos Douradores, 197, 2.º—LISBOA

Confeitaria Parisiense

— DE —

DOMINGOS VINAGREIRO & F.ºS

Grande e variado sortido em pasteis.	Especialidade em café á chavena da conhecida marca "A Brasileira,"	Bombons e rebuçados de toda ^s as qualidades.
Variedade em doces.		Massas e farinhas alimenticias.
Especialidade em doce de ovos.	Serviço de chá	Chá e café chocolates e cacau.
Vinhos de mesa, finos e espumosos.	Manteiga da Cooperativa Vimaranesa	Mercearia de primeira qualidade.
Champagnes, Cognacs e licores.		Especialidade em queijo da Serra.
Bolachas Nacionais e Estrangeiras das principais fábricas.	Lunch's Sandwich's	

Executam-se encomendas para Casamentos, Batisados e Soirées.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura		Preço das publicações	
Ano	1\$200 rs.	Anuncios e comunicados, por linha	40 rs.
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Número avulso	80 "	Anuncios, não judiciaes, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

No Cidadão